

Desafios da Segurança Pública no mundo

Em 2017, foram assassinadas 464 mil pessoas no planeta, taxa global de 6,1 homicídios para cada 100 mil habitantes

Flávia Carbonari, Jeremy Biddle e Markus Kostner
13 de agosto de 2019

MARCELO STOPPA / FOLHAPRESS



Cemitério de soldados americanos na cidade de Colleville-sur-mer, na França: hoje mais pessoas morrem em conflitos urbanos do que em guerras pelo mundo

Dos mais recentes tiroteios em massa nos Estados Unidos, motivados pelo extremismo político violento, à perpetuação da violência de gangues no Rio ou Baltimore, a ebulição de um conflito entre Índia e Paquistão no Kashmir, até os níveis globais alarmantes de violência contra as mulheres que permanecem subnotificados e frequentemente ignorados, os desafios da Segurança Pública no mundo se apresentam de muitas formas.

Na estreia desta coluna, enfocaremos em apenas uma delas – aquela que massivamente arremata mais vidas: a violência letal intencional, comumente conhecida como homicídio.

O último relatório produzido pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC) nos ajuda a dimensionar a magnitude desses desafios, assim como a entender algumas de suas origens, que podem nos guiar à soluções mais eficazes e mais direcionadas. Em 2017, 464 mil pessoas foram assassinadas em todo o mundo, o que representa uma taxa global de de 6,1 homicídios a cada 100 mil habitantes. Considerando também as mortes relacionadas a conflitos, um relatório recente da *Small Arms Survey* mostra dados ainda mais alarmantes: 589 mil mortes violentas em 2017, sendo 96 mil representadas por mulheres e meninas.

Juntos, estes dois estudos apontam para diversas conclusões importantes. Primeiro, que a atividade criminosa é responsável por mais mortes do que os conflitos armados e o terrorismo combinados. Em nível mundial, 82% da violência letal ocorre fora de zonas de conflito, com grande parte dessa violência concentrada em contextos urbanos. E, ao contrário do discurso político predominante

em diversos países, gangues e o crime organizado não são necessariamente responsáveis pela vasta maioria dessas vítimas. Em 2017, representaram apenas 19% do total de homicídios globais.

A maior parte dessas mortes está concentrada no continente americano, sendo a América Latina o destaque, há décadas, como a região mais violenta do mundo, seguida pela África. E assim como se concentra em determinados países da região, onde as taxas de homicídio podem variar de 62,1 por 100 mil habitantes em El Salvador a 3.5 para cada 100 mil habitantes no Chile, a epidemia de violência também está hiperconcentrada dentro das áreas urbanas – em bairros específicos e frequentemente até em segmentos de ruas. Em 2018, 47 das 50 cidades mais violentas do mundo encontravam-se nas Américas – quatro nos Estados Unidos e quarenta e cinco na América Latina e no Caribe. Em Bogotá, Colômbia, um estudo demonstrou que 99% dos homicídios concentram-se em apenas 1.2% das ruas da cidade; em Medellín, em 3.2%.

Armas são um fator chave para entender esse quadro alarmante. Enquanto no Brasil o governo pressiona pela flexibilização do acesso a armas como forma de melhorar a segurança dos cidadãos, nos Estados Unidos – que vivenciou trinta e dois tiroteios em massa apenas em 2019¹ - há um crescente consenso bipartidário sobre a necessidade de regular o acesso a armas de fogo. Armas estão envolvidas muito mais frequentemente em homicídios nas Américas do que em outras partes do mundo. De acordo com um estudo recente da JAMA, mais da metade das mais de 250 mil mortes por arma de fogo espalhadas pelo mundo a cada ano advém de apenas seis países: EUA, México, Brasil, Colômbia, Venezuela e Guatemala.

A violência também custa caro. De acordo com o último Global Peace Index, o custo econômico direto e indireto da violência – letal e não letal – chega a somar US\$ 8.3 trilhões. Quando o custo de oportunidade é acrescentado a essa equação, e os recursos que poderiam ir para áreas como educação e saúde em vez de controle da violência são considerados, o impacto econômico total atinge US\$ 14.1 trilhão, aproximadamente 11.2% da atividade econômica global.

A boa notícia é que há um alinhamento internacional em torno dessa questão, refletido nos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, firmado por todos os países das Nações Unidas em 2015. O ODS16 para a paz, justiça e instituições fortes reconhece que a criminalidade generalizada e a violência ameaçam todas as formas de desenvolvimento social, político e econômico. O ODS16.1, que promete “reduzir significativamente todas as formas de violência e índices relacionados à violência em todos os territórios,” é também respaldado por ações para acabar com a violência contra mulheres e crianças, e para combater formas específicas de violência e abusos como trabalho análogo à escravidão ou casamento infantil, e para reduzir o comércio ilícito de armas.

Hoje temos evidências, ferramentas e novas ideias à disposição para enfrentar esses desafios na segurança pública global. De avanços altamente tecnológicos em mapeamento geoespacial e em inteligência artificial, até tecnologia de baixa complexidade de intervenção nas ruas, nós podemos cada vez mais orientar recursos para onde eles são mais necessários: para os lugares e as populações com maiores riscos de vitimização. Isso não deveria apenas informar o desenvolvimento estratégico de políticas de repressão, mas também server de guia para direcionar esforços de outros tipos de prevenção.

Não obstante, alcançar progressos significativos e sustentáveis no enfrentamento à violência letal não ocorrerá sem esforços. Desde que os ODS foram lançados em 2015, houve um pequeno aumento na taxa global de homicídios de 6,02 a 6,14 por 100 mil habitantes. Um dos maiores desafios é trazer o que funcionou para escalas maiores e virar a página de uma vez por todas para o que falhou. Já sabemos, por exemplo, que populismo penal e encarceramento em massa não funcionam.

Há muito de positivo que pode ser aprendido de iniciativas focalizadas, integradas e sistemáticas que já foram testadas e deram resultados, em cidades tão diferentes quanto Medellín e Los Angeles. Todavia, tanto quanto incorporar novas abordagens, ao fim, o sucesso nessa batalha dependerá de quebrar o ciclo sem fim de repetição de erros passados.

[1] Tiroteiros em massa são de nidos pelo Departamento de Justiça dos EUA como três ou mais mortes decorrentes de um único episódio.



Flávia Carbonari

Consultora Sênior de Desenvolvimento Social e Prevenção da Violência do Banco Mundial



Jeremy Biddle

Diretor Executivo e Fundador da organização Metropeace, baseada em Baltimore, EUA



Markus Kostner

Ex-líder global de Estabilidade, Paz e Segurança do Banco Mundial

